

## Para letrar crianças feministas: representação dos feminismos na literatura infantojuvenil

### RESUMO

O presente trabalho objetiva apresentar a relevância da presença dos feminismos na literatura infantojuvenil e na formação de uma identidade feminista, a partir do letramento literário de jovens e adolescentes. A investigação possui cunho qualitativo, em que a partir de uma pesquisa bibliográfica, trata, inicialmente, das concepções de letramento, feminismos e a construção dos sujeitos na contemporaneidade, logo após perpassa pelas representações feministas na literatura infantojuvenil, finalizando com a abordagem da formação da identidade feminista. Para tal, tem como arcabouço teórico Chimamanda Ngozi Adichie (2017), que traz, em formato de carta, um manifesto com quinze sugestões de como criar filhos dentro de uma perspectiva feminista, Sturat Hall (2006), que fala acerca da construção da identidade, Bell Hooks (2018) e Françoise Vergès (2020) que abordam a teoria feminista e a importância da conscientização da pluralidade e das pautas dos feminismos. Utilizam-se, também, obras como as de Kiasum de Oliveira e Taísa Borges (2013), Adriana Carranca e Bruna Assis Brasil (2015), Elena Favilli e Francesca Cavallo (2017) e Morena Cardoso (2019), as quais, dentro de suas narrativas, influenciam meninos, meninas, mulheres e homens, abordando conselhos e temáticas que ajudam na percepção e na promoção de uma formação igualitária a todas as crianças e aos jovens, a partir de uma literatura preocupada com as representações sociais de mulheres, raças e classes, além de uma leitura que se encontre o senso de nós mesmos quanto ao individual e o social. Portanto, salienta-se, nesta investigação, a educação em sua formação de uma geração construída a partir de letramentos estruturados em uma consciência social, incentivados por um conhecimento de incorporação do outro em si, com os sujeitos se identificando como pertencentes a uma sociedade machista e racista, posicionando-se e, através da presença dos feminismos na literatura, possam mudar o rumo das suas histórias.

**PALAVRAS-CHAVE:** Letramento literário. Feminismos. Literaturas infantojuvenis.

**Estéfany Ingridy Cruz de Jesus**

[estefanycruz@letras.ufrj.br](mailto:estefanycruz@letras.ufrj.br)

Universidade Federal do Rio de Janeiro,  
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

**Jorge Adrihan do Nascimento de Moraes**

[jorgeadrihan@hotmail.com](mailto:jorgeadrihan@hotmail.com)

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro,  
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

## INTRODUÇÃO

No ano de 2017, Chimamanda Ngozi Adichie publica o livro *Para educar crianças feministas – um manifesto*, que foi escrito em formato de carta à sua amiga que acabara de se tornar mãe de uma menina. A autora trabalha a desigualdade de gênero em um manifesto com conselhos claros e diretos, oferecendo uma formação igualitária a todas as crianças. O livro, que pode ser igualmente lido por homens e mulheres, ajuda na divisão de tarefas de pais e mães. Escrito, através das experiências da própria Adichie, é oferecida uma leitura imprescindível para quem se preocupa em contribuir para uma sociedade mais justa para o mundo contemporâneo.

Sendo a literatura responsável por dar forma aos sentimentos e a visão do mundo, ela nos organiza, liberta-nos do caos, e, portanto, humaniza-nos (CANDIDO, 1995), por isso, é de suma importância uma literatura infantojuvenil que retrate as diferentes identidades e representações que a pós-modernidade discute, evidencia e põe nos holofotes. As obras *História de ninar garotas rebeldes* (2017), de Elena Favilli e Francesca Cavallo; *Malala, a menina que queria ir para a escola* (2015), de Adriana Carranca; *O mundo no black power de Tayó* (2013), de Kiusam de Oliveira; *A menina que virou lua* (2019), de Morena Cardoso, são exemplos de livros que controem as práticas sociais, convidando a criança e o jovem leitor a compreender suas identidades como sujeito social.

Adichie, ao escrever o manifesto que se preocupa com a educação desses novos sujeitos com concepções acerca dos feminismos, trabalha com concepções e ideologias parecidas com as das novas literaturas infantojuvenis presentes na pós-modernidade. O letramento social pertencente tanto no manifesto da autora nigeriana, como nas obras das autoras supracitadas, traz a preocupação com a formação desses novos sujeitos pertencentes em nossa sociedade, interagindo com o outro e suas próprias alteridades, definindo-se como sujeitos que sabem viver com as diferenças e lidam com questões de raça, gênero e outras definições socioculturais.

A partir disso, o estudo emerge do questionamento de como, na contemporaneidade, o letramento infantojuvenil pode se concretizar em vista da formação de crianças feministas. Logo, caracteriza-se pela abordagem do tipo qualitativa, com revisão bibliográfica, que segundo Gil (1999), nesta perspectiva se percebe que a pesquisa bibliográfica se utiliza de dados existentes. Sendo assim, o presente artigo foi construído por meio de pesquisa bibliográfica, com revisão da literatura que para Lakatos e Marconi (2003, p. 248): “consiste em uma síntese, a mais completa possível, referente ao trabalho e aos dados pertinentes ao tema, dentro de uma sequência lógica.” Dessa forma, possibilitou contatar direta e indiretamente com fontes de conhecimentos legitimados cientificamente. Caracteriza-se pela abordagem qualitativa, de natureza básica, pois para Gil (1999, p. 42) detona que essa natureza “procura desenvolver os conhecimentos científicos.” Quanto aos objetos, a pesquisa é exploratória, pois visa “proporcionar mais familiaridade com o problema.” Gil (2002, p. 41). Torna-se necessária apreciação, exposição e reflexão sobre os referenciais aqui abordados, os quais foram selecionados, de forma que subsidiassem essa reflexão.

Nesta vertente, tendo os feminismos como base para as literaturas lencadas para o estudo, percebe-se a preocupação da relação do gênero consigo e com o mundo, pautado na pluralidade que a quarta onda do movimento feminista

aborda, tal como o lugar da mulher na sociedade, a partir de histórias contadas por personagens femininas. E, são Tayó, Malala e outras mulheres e meninas fortes que contam, a experiência do que é ser mulher, dando uma perspectiva natural, leve, mas realista, fazendo da literatura infantojuvenil um manifesto para se letrar crianças feministas.

## 1. LETRAMENTO, FEMINISMOS E A CONSTRUÇÃO DOS SUJEITOS

Na literatura, encontramos os plenos saberes sobre o homem e o mundo. Através do poder de metamorfosear em todas as formas discursivas, Cosson (2006) afirma que é no exercício da leitura e da escrita dos textos literários que se desvela a arbitrariedade letrada e se constrói um modo próprio de se fazer dono da linguagem. Os livros nos ajudam a nos expressarmos e a sermos tudo o que quisermos na imaginação e fora dela. Dentro da construção da identidade de um sujeito pertencente ao mundo, instrui-nos a moldarmos nossas identidades contraditórias e não resolvidas, formadas e transformadas continuamente em relações às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais (HALL, 2006, p.13).

Chimamanda (2017), na quinta sugestão do seu livro, sinaliza a importância de ensinar o gosto pela leitura, seguido da sexta sugestão que é ensinar a questionar a linguagem. Feministas são formadas, não nascem feministas (HOOKS, 2018). É preciso formar crianças questionadoras que entendem que vivem num mundo onde a linguagem é o repositório de nossos preconceitos, de nossas crenças e pressupostos. É ter a responsabilidade, por exemplo, de ensinar que a palavra princesa, dependendo do contexto, pode carregar um significado que contribuiu para um preconceito de que as meninas são seres frágeis, supondo que se tornar mulher é viver com a esperança de que um príncipe salvador virá ao seu encontro. É conscientizar sobre a reinvidicação de um movimento que busca a libertação da mulher em todos os padrões e expectativas comportamentais baseadas na discriminação de gênero.

Por isso, a criação de uma leitura que ressignifique os papéis de gênero, apresentando a figura da mulher como uma pessoa forte, lutando por seu lugar na sociedade, retratando suas alteridades como representações de um outro existente e resistente frente as problemáticas não somente de gênero, mas de raça, religião, sexualidade, política e educação, são de suma importância para que as crianças e jovens vejam a figura da mulher como uma pessoa que pode ser o que ela quiser e ter muito orgulho disso.

Numa sociedade em que as identidades se encontram fragmentadas, Stuart Hall (2006), disserta que o sujeito é definido historicamente. Por isso, a pluralidade dentro dos feminismos precisa ser explorada em narrativas que exponham essas alteridades, que falem, por exemplo, da representatividade da mulher preta e da subalternidade existente na vida das mulheres do oriente médio. Quando a realidade dessas mulheres é narrada a partir de uma personagem criança, cria-se um vínculo movido pela linguagem, e, principalmente, pela contextualização de que crianças enfrentam desde muito cedo a opressão de uma sociedade preconceituosa, movida pela ignorância e por movimentos sociopolíticos e históricos ainda maiores.

Segundo Cosson:

A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. (2006, p.18)

Por isso, a literatura pode e deve ajudar o jovem e a criança na construção do senso de identidade. Adichie (2017), em sua nona sugestão, diz que é importante que se cresça com orgulho de ser quem é. Portanto, a leitura precisa envolver e contextualizar as questões de raça, cultura, lugar de origem, sexualidade e religião. Atenta, também, em mostrar a constante beleza e capacidade de resistência que há nas suas origens, as quais sofreram com os processos de colonização de negros e indígenas. Desta forma, sente-se orgulho de sua história, de suas diásporas e serão compreendidas as concepções de privilégios e desigualdades.

## 2. REPRESENTATIVIDADE FEMININA NA LITERATURA INFANTOJUVENIL

Abrir um livro e ler representações das múltiplas mulheres é fundamental na construção do sujeito. Para as meninas, encontrar numa obra personagens que ilustrem quem elas são ou que gostariam de ser, possibilita um futuro sem barreiras para a construção de uma identidade confrontante aos padrões impostos, que configuram em cada uma delas a construção de uma mulher segura de si e que sabe olhar para a outra com sororidade e força para encarar o mundo. Já para os meninos, quebrar a estigma de que mulheres são seres frágeis e difíceis de entender, aprendendo a tratá-las com respeito e igualdade, destruindo todas as concepções de dominações masculinas criadas pelas instituições sociais, é criar a percepção de que as mulheres podem tanto quanto eles. Ter, na literatura infantojuvenil, personagens que despertem e quebrem papéis de gêneros impostos, a partir da sua representatividade nos diversos contextos sociais, é primordial para o letramento e construção de identidade social de crianças e jovens.

Quantas foram as garotinhas ninadas por historinhas de dormir que contavam sobre princesas em seus castelos, que eram salvas por príncipes encantados, vivendo, enfim, o tão esperado “felizes para sempre”? Crianças crescem com a ideia de que jovens moças precisam encontrar um belo rapaz para serem felizes, de que a felicidade da mulher está no casamento, tendo como o único sonho a aparição de um menino para que se sintam realizadas. Pais e mãe, talvez, não tenham ideia da falta de representação de mulheres fortes e emponderadas que estão deixando de transmitir aos seus filhos.

Indo de contra essas narrativas que fragilizam a figura da mulher, o livro *História de ninar para garotas rebeldes*, escrito por Elena Favilli e Francesca Cavallo (2017), apresenta pequenas bibliografias de mulheres importantes da história mundial. Uma das histórias contadas é a da Rainha Elizabeth I. Fugindo do esteriótipo da princesa que busca seu príncipe, o livro retrata a vida de Elizabeth desde que fora rejeitada pelo pai por ter nascido mulher até o seu reinado. Elizabeth I é retratada como uma rainha culta, amante da cultura e da liberdade.

A corte de Elizabeth era a casa de músicos, pintores e escritores de peças teatrais. O mais famoso deles era William Shakespeare, cujas

peças Elizabeth adorava. Ela usava vestidos suntuosos, decorados com pérolas e laços. Ela nunca se casou: valorizava sua independência tanto quanto a do seu país. (2017, p. 78)

Outra história contada no livro é a de Anna Politkoskaia, jornalista russa responsável por expor os conflitos durante a Guerra na Chechênia. A narrativa começa com um parágrafo instigante, fugindo da formulação tradicional do “era uma vez”, contando sobre um tempo em que alguns livros eram proibidos na Rússia, e que o pai de Anna os contrabandeava para que ela pudesse lê-los.

Uma história digna de filmes de ação de Hollywood, a representação de Anna Politkoskaia apresenta uma mulher corajosa e que desafiou o governo para contar a verdade ao mundo:

Uma vez, ela teve que correr a noite toda por uma montanha chechena para escapar do Serviço de Segurança russo. Pessoas de ambos os lados queriam impedi-la de dizer a verdade – alguém até envenenou seu chá para tentar se livrar dela. Mas, apesar desses perigos, ela seguiu com coragem, contando a verdade sobre tudo o que via. (FAVILLI; CAVALLO, 2017, p.36)

Adriana Carranca (2015), em *Malala: a menina que queria ir para a escola*, conta a história de Malala Yousafzai que quase perdeu a vida por querer ir à escola. Malala, que hoje é uma ativista pelos direitos humanos das mulheres, depois de ser impedida de estudar pelo exército Talibã, escreve um blog, relatando o que vivenciava durante a imposição do grupo extremista. Por sua bravura, sofreu uma tentativa de assassinato no ônibus, quando estava a caminho da escola.

Carranca consegue contar a história de Malala de uma forma leve, sem deixar de ser realista. A partir de uma viagem feita ao Paquistão, a autora narra a história de Malala dentro da realidade que a menina presenciava todos os dias. A narrativa é construída contando a vida da jovem em quatro momentos: o nascimento e como era morar em Swat antes do Talibã, a chegada dos Talibãs onde vivia Malala e as imposições feitas, o posicionamento da jovem e a denúncia no blog dedicado a BBC e a vida depois da tentativa de homicídio.

Malala é descrita como uma menina sonhadora, que gostava de ler, cantarolar e assistir seus programas preferidos na televisão. Só que além das atividades de uma criança gosta de fazer, também entendia a importância da educação e enfrentou o exército Talibã com seu posicionamento, inteligência e um discurso que chamou a atenção do mundo. Contar uma história de uma menina real, com elementos narrativos que ajudam a compreender o difícil conflito político que rodeava a vida de Malala, e, principalmente, a moldar no imaginário infantojuvenil que meninas podem desempenhar um papel importante na mudança do mundo, é construir sujeitos transformadores da sua própria história. Ter Malala como personagem principal dessa narrativa real, mostra que as meninas podem e devem ser corajosas:

Malala escrevia tudo no blog, onde podia ser livre. Também se tornou o único lugar por onde as pessoas de fora podiam observar o que acontecia no vale, como a espiar por um buraco de fechadura. Os acontecimentos relatados chocavam a população de outras regiões do Paquistão e do mundo. Malala ganhou muitos leitores e todos

comentavam sobre o que ela escrevia, mas ninguém podia saber quem era a verdadeira autora, pois os talibãs não perdoariam sua ousadia. Somente seus pais, Ziauddin e Tor Pekai, sabiam que a filha era a blogueira de Swat. Esse era seu segredo. E eles souberam guardá-lo até o fim da guerra. (CARRANCA, 2015, p. 48)

*O mundo no black power de Tayó* (2013), é uma obra de Kiusam de Oliveira. A história da menininha que tem orgulho do seu cabelo crespo e que o enfeita todos os dias de uma forma diferente compõe o enredo. Tayó é uma menina negra de seis anos de idade, de beleza rara e encantadora. O livro começa descrevendo as características físicas da personagem, de forma que exalta seus traços, adjetivando-os de forma poética.

A forma como Tayó encara a represália dos colegas ao seu cabelo *black power* é, talvez, a mais significativa mensagem que está no livro “Meu cabelo é muito bom porque é fofo, bonito e cheiroso. Vocês estão com dor de cotovelo, porque não podem carregar o mundo no cabelo como eu posso” (OLIVEIRA, 2013, p.15). Quando Tayó, que é uma criança, se expressa dessa forma, suas palavras vêm carregadas de resistência, empoderamento, e, principalmente, a consciência de suas raízes africanas. As características de uma negritude oriunda das lembranças de seus antepassados arrancados de suas terras para serem escravizados:

Quando retorna para casa pensativa com toda a falta de gentileza dos colegas, Tayó projeta em seu penteado, mesmo sem se dar conta disso, todas as memórias dos sequestros dos africanos e das africanas, sua vinda à força ao Brasil nos navios negreiros, os grilhões e correntes que aprisionavam seus corpos. Tudo isso está bem guardadinho lá no fundo da sua alma. (OLIVEIRA, 2013, p. 27)

Kiusam consegue, através de Tayó, resgatar a ancestralidade negra a partir do orgulho que a menina sente do seu cabelo. Tayó é a representação do orgulho da mulher preta e sua historicidade dentro da pluralidade dos feminismos. Uma personagem que aborda temas como religião de matrizes africanas, cultura e, principalmente, exalta seus ancestrais reis e rainhas, colocando-se no lugar que é devidamente dela: o de princesa.

*A menina que virou lua*, livro de Morena Cardoso (2019), fala a respeito da primeira menstruação. A autora retrata a menarca com a perspectiva das sabedorias ancestrais – memórias antigas, esquecidas e caladas. Tida como um rito de passagem, quando a menina se torna mulher, a história trata dos questionamentos acerca da menstruação com um diálogo construído com uma menina e a avó, que a visita “na dimensão mágica dos sonhos” (CARDOSO, 2019, p.14).

Com a intenção de vir avisar a menina de que ela já está pronta para a menarca, a avó lida com as preocupações, com as dúvidas e as desmistificações sobre a menstruação, ensinando a garota a entender e lidar com o seu corpo com honra, poder e orgulho de habitar um corpo feminino: “Quando a menina se torna mulher ela vira Lua, começa a rodopiar entre os ciclos, e a cada fase fica de um jeitinho diferente.” (CARDOSO, 2019, p.15) Com uma analogia aos ciclos lunares, cada fase da lua se encaixa a um comportamento do corpo da mulher, fazendo-a reconhecer e escutar os momentos do seu corpo:

Você cresceu, e precisamos que continue crescendo, para que junto à Lua Nova você caminhe sobre as próprias pernas e encontre seu lugar no mundo. Para que junto à Lua Crescente você transforme o seu entorno, com consciência e responsabilidade de seu poder. Para que junto à Lua Cheia você possa encontrar o prazer, se relacionar, conhecer as emoções e humanidades. Para que junto à Lua Minguante você possa desfrutar de toda a magia desta existência, em seu corpo de mulher! Você levará o tempo dos tempos aí dentro, para que possa pisar com beleza, humildade e respeito sob o solo desta nossa Mãe Terra. (CARDOSO, 2019, p.36)

O exemplo dessa representatividade na literatura infantojuvenil é uma ruptura com as obras literárias que apresentam mulheres postas em situações de subalternidade e sem independência. Antes presas a um rótulo de ações limitadas, hoje, na literatura, temos a presença de meninas corajosas que buscam desenvolver seu interior e o seu corpo, conquistar o mundo, desbravando e enfrentando o que não concordam, transformando, influenciando, assim, uma nova geração de leitores que irão construir uma nova percepção social sobre o gênero feminino.

### **3. A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE FEMINISTA**

O letramento de uma criança deve ter como fundamento uma educação que a faça, como sugere Adichie (2017), cheia de opinião, e que suas opiniões provenham de uma base bem informada, humana e de uma mente aberta. Hooks (2018) afirma que a literatura infantil é um dos locais cruciais para a educação feminista, para a conscientização crítica, exatamente porque as crenças e as identidades ainda estão sendo formadas. A criação de obras que retratam personagens que demonstram um comportamento empoderado fortalece a ruptura dos padrões do que se espera de uma mulher em relação ao seu corpo, sua imagem e seu eu no mundo. A representatividade de mulheres que exercem ações que se espera de um homem, nos livros infantojuvenis, ou que sejam seguras para enfrentar e vivenciar qualquer situação auxilia na quebra da imposição de papéis de gênero e da subalternidade feminina, mostrando a meninos e meninas que não há diferença entre os gêneros.

Os feminismos são os grandes responsáveis por essa problematização. A pós-modernidade precisa pensar numa educação feminista que forma sujeitos que sejam capazes de conhecer as construções positivas do movimento da sociedade. Praticar e compartilhar pensamentos e práticas feministas na literatura infantojuvenil é levar conhecimento. Contextualizar situações de forma lúdica, fantástica ou até mesmo realistas, é mostrar por meio da palavra escrita, da história contada que não há um sujeito que se sobreponha a outro, existindo um mundo plural e diverso.

Vivemos em um contexto em que as identidades se encontram fragmentadas e em colapso como resultado de mudanças estruturais e institucionais. É preciso conscientizar jovens e crianças de que existe uma ação opressora que abala nossas estruturas sociais, ditando o que deve ser pensado e dito a partir de um discurso patriarcal, eurocêntrico e sexista. Vergès (2020) afirma que a construção do seu pensamento feminista se deu pelo contato com a sua família que a instruiu a respeito da solidariedade, a alegria e a diversão associada à luta coletiva.

Apresentar uma literatura que desperte esse letramento de forma prazerosa e natural é uma das grandes ferramentas para a formação de uma identidade feminista em meninas e meninos.

A literatura infantojuvenil deve ajudar na formação da identidade feminista na construção dos sujeitos estabelecendo uma ideologia desprendida da dominação masculina, defendendo as diferentes representatividades pertencentes aos feminismos. A conscientização do papel da mulher na sociedade precisa ser trabalhada, quebrando qualquer estigma de papéis de gênero, podendo ser a mulher quem ela quiser, tendo tão importância ou mais do que um homem. Meninos e meninas precisam compreender que as mulheres não devem viver em situações de subalternidades femininas, tampouco viverem imposições estéticas, de classe ou raça. É preciso colocar no intelecto de um indivíduo em formação que mulheres e suas diferentes alteridades contribuem para o processo de construção de uma sociedade livre de preconceitos, sexismos e patriarcalismos.

### À GUIA DE CONCLUSÃO

A preocupação de Chimamanda Ngozi Adichie (2017) é partilhada por autoras da literatura infantojuvenil. Preocupadas com a formação de meninas, preparando-as para lidar com situação de preconceito e subalternidades, são quebrando estereótipos de meninas fragilizadas que é apresentada ao público dessa faixa-etária a representação de meninas corajosas, destemidas e histórias reais de garotas que não se deixam levar pela imposição da intolerância.

Livros como *Histórias de ninar garotas rebeldes* e *Malala, a menina que queria ir para a escola* apresentam histórias reais de meninas e mulheres que fugiram do padrão do que é ditado e se tornaram exemplo de luta e coragem. Crianças apresentadas a essas obras constroem um pensamento de que garotas podem ser desbravadoras independentes, desafiando guerras, grupos extremistas e governar grandes reinados. A concepção de que só meninos podem ocupar grandes lugares na história é rompida. Narrativas em que meninas são idealizadas esperando a sorte de encontrar um salvador dos seus futuros não devem ser as únicas a estar no imaginário de uma pessoa em formação. Elas devem dar lugar aos novos contos que fermentam sonhos de realizar grandes feitos.

*O mundo no black power de Tayó*, de Kiusam de Oliveira (2013), é o livro que resgata a base dos feminismos e traz a perspectiva do que ser uma menina preta numa sociedade ainda impregnada pelo racismo, intolerância religiosa e padrões eurocêntricos. A representação de Tayó e a compreensão de uma personagem tão jovem a respeito da sua ancestralidade e com orgulho de quem é, ajuda na formação e na representatividade de garotas negras e na força para lutar a favor do seu reconhecimento. Já *A menina que virou lua*, de Morena Cardoso (2019), retrata o corpo da menina de uma forma mágica, exaltando o que a sociedade demoniza e rechaça. A construção de conhecimento do corpo feminino forma meninas que entendem sua existência como parte de um universo maior, vivido por mulheres que vieram antes delas e que viverão depois.

A representatividade da pluralidade deve partir do conceito, como afirma Adichie (2017, p.7), que “Nossa premissa feminista é: eu tenho valor. Eu tenho igualmente valor. Não “se”, ou “enquanto”. E tenho igualmente valor e ponto final.” Por isso, entende-se que a literatura infantojuvenil tem o compromisso no

letramento de sujeitos, meninas ou meninos, que entendam o lugar feminino na sociedade e, principalmente, reconheça seu valor e contribuição.

# Para literar a crianças feministas: representação de los feminismos em la literatura infantil y juvenil

## RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo presentar la relevancia de la presencia de feminismos en la literatura infantil y juvenil y en la formación de una identidad feminista, basada en la alfabetización literaria de jóvenes y adolescentes. La investigación tiene un carácter cualitativo, en la que, a partir de una investigación bibliográfica, se aborda inicialmente los conceptos de alfabetización, feminismos y la construcción de sujetos en la época contemporánea, poco después pasa por representaciones feministas en la literatura infantil, finalizando con el enfoque de formación de la identidad feminista. Para ello, tiene como marco teórico a Chimamanda Ngozi Adichie (2017), que trae, en formato de carta, un manifiesto con quince sugerencias sobre cómo criar a los hijos desde una perspectiva feminista, Stuart Hall (2006), quien habla de la construcción de identidad, Bell Hooks (2018) y Françoise Vergès (2020) que abordan la teoría feminista y la importancia de concientizar sobre el pluralismo y las agendas de los feminismos. También se utilizan obras como las de Kiasum Oliveira y Taísa Borges (2013), Adriana Carranca y Bruna Assis Brasil (2015), Elena Favilli y Francesca Cavallo (2017) y Morena Cardoso (2019), que, dentro de sus narrativas, influyen niños, niñas, mujeres y hombres, abordando consejos y temas que ayuden a la percepción y promoción de una educación igualitaria para todos los niños y jóvenes, a partir de una literatura preocupada por las representaciones sociales de mujeres, razas y clases, además de una lectura que encuentra el sentido de nosotros mismos respecto a lo individual y lo social. Por tanto, en esta investigación se enfatiza la educación en su formación de una generación, construida a partir de alfabetizaciones estructuradas en una conciencia social, alentada por un conocimiento de incorporación del otro en sí mismo, identificándose los sujetos como pertenecientes a una sociedad machista y racista, tomando posición y, a través de la presencia de los feminismos en la literatura, pueden cambiar el rumbo de sus historias.

**PALABRAS CLAVE:** Alfabetización y literacia. Feminismos. Literatura infantil y juvenil.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chamamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**: Vários escritos. 3ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CARDOSO, Morena. **A menina que virou lua**. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2019.

CARRANCA, Adriana. **Malala, a menina que queria ir para a escola**. São Paulo: Companhia das Letinhas, 2015.

COSSON, Rilso. **Letramentos literários, teoria e prática**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

FAVILLI, Helena; CAVALLHO, Francesca. **Histórias de ninar garotas rebeldes**: 100 fábulas sobre mulheres extraordinárias. São Paulo: VR Editora, 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.

Hall, Stuart. **“MinimalSelvee”, inldetity**: TheRealMe. ICA Document 6. Londres, fustitutefor Contemporary Arts, 1987.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2006.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: Políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Roda dos Tempos, 2018.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

OLIVEIRA, Kiusam de. **O mundo no black power de Tayó**. São Paulo: Editora Petrópolis, 2013.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

**Recebido:** 31 jan. 2021

**Aprovado:** 22 mar. 2021

**DOI:** 10.3895/rl.v23n40.13787

**Como citar:** JESUS, Estéfany Ingridy Cruz de; MORAES, Jorge Adrihan do Nascimento de. Para letrar crianças feministas: representações dos feminismos na literatura infantojuvenil. *R. Letras*, Curitiba, v. 23, n. 40 p. 111-122, mar. 2021. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>. Acesso em: XXX.

**Direito autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

